

A CRÔNICA de *Rubem Braga*

CONVERSAS

LUIS Bonfá e Tom Jobim, duas boas figuras deste nosso bairro de Ipanema, foram há tempos a Belo Horizonte fazer um programa de televisão. Lá apareceu um rapaz que tocava violão imitando direitinho Bonfá, e era seu fã incondicional, conhecia tôdas as suas gravações, aparecia a todo instante no hotel e não queria largar seu ídolo, a quem fazia repetidos elogios cara a cara, até que houve um momento em que Bonfá o interrompeu, entre enjoado e divertido, e disse, com um gesto muito seu, garfando o ombro do rapaz com seus dedos enormes e duros:

— Está bem, meu filho: quando você morrer eu vou para o céu.

Esse público de ópera do Municipal é um tanto especial. O crítico Mário Cabral encontrou no corredor, uma noite de teatro lotadíssimo, na última temporada, um conhecido cronista social muito exigente na seleção dos nomes das pessoas que cita em sua coluna:

— Está vendo, Mário? Não tem ninguém hoje...

Evandro Pequeno, o saudoso Evandro, é que uma vez comentou, ouvindo alguém dizer que o Rio tinha um público imenso para ópera:

— É, o teatro fica cheio, mas o pessoal não ouve a ópera, não. Ficam todos, o tempo todo, esperando o gol do tenor.

E como alguém não entendesse:

— Quando o tenor se enche de ar e solta o seu dó de peito — goooooOOOOL... a casa vem abaixo.

Tom Jobim descrevendo a topografia de Belo Horizonte:

— A rua sobe, desce, sobe, desce, sobe — e de repente acaba numa caçada de paca.

C. de Castro Henriques Galvão, numa foto colhida pelo
O GLOBO, em maio de 1959, quando de sua passagem pelo Rio

ANO XXXVII — Rio de Janeiro, terça-feira, 24 de

O GLOBO

1/2